

Dilema

"Nenhum floco de neve se sente responsável por uma avalanche." - Stanislaw Lec¹

O Dilema do Prisioneiro, um problema clássico da Teoria dos Jogos, foi originalmente formulado por Merrill Flood e Melvin Dresher em 1950 e depois "empacotado" por Albert Tucker: Dois bandidos de uma gangue são presos, mas a polícia tem poucas provas concretas para condená-los. Os prisioneiros A e B têm duas opções: "entregar o outro" ou "manter-se calado." A pena com poucas provas é de apenas 1 ano enquanto com testemunha será de 10 anos.

Se ambos ficarem calados eles receberão apenas 1 ano de pena (poucas provas). Se o prisioneiro A trai o prisioneiro B, sendo que B ficou calado, A será solto e B pega 10 anos de prisão (e vice-versa). Se ambos se denunciarem eles receberão 3 anos de pena cada um (delação premiada). Resumindo temos:

| | B Trai | B Calado |
|----------|-------------------------|-------------------------|
| A Trai | 3 anos cada | 10 anos para B, A livre |
| A Calado | 10 anos para A, B Livre | 1 ano cada |

Matematicamente, o tempo esperado de cadeia para cada um é de:

Se entregar o outro: $50\% \times 3 + 50\% \times 0 = 1,5$ anos

Se ficar calado: $50\% \times 10 + 50\% \times 1 = 5,5$ anos

Portanto a melhor escolha individual é delatar o outro. A dupla traição (3 anos cada) é o resultado provável e tem o nome de Equilíbrio de Nash². O dilema é que a escolha individual não é melhor para ambos. Se ambos escolhessem ficar calados teriam o resultado "ótimo" de apenas 1 ano de cadeia. Mas quem se arriscaria pegar 10 anos?

Esse dilema pode ser usado como explicação de vários fenômenos sociais. **Um caso específico, importante na conjuntura atual, é o dilema do voto.** Exemplifico. Em um sistema de eleições onde o voto não é obrigatório, dado que seu voto tem uma probabilidade quase nula de alterar o resultado, a escolha individual racional é não ir votar, pois isso tem um custo individual (impossibilidade de viajar, gasto com locomoção ou pura preguiça) que não terá retorno (resultado da eleição). Da mesma maneira do dilema do prisioneiro, se as pessoas votassem, a sociedade como um todo é beneficiada. Entretanto, se todos se recusassem a votar, seria um desastre. Mesmo assim, cada indivíduo tem um retorno maior por não votar. Esse é o paradoxo.

Aplicando esta ideia ao Brasil, que tem obrigatoriedade do voto, chego no inferno. **Imagine um segundo turno entre Marina e Dilma (difícil imaginar sem sentir náusea, eu sei, mas necessário e provável).** Uma boa parte da população diz: "Nenhuma destas candidatas me representa, ficarei de consciência tranquila e votarei nulo, em branco, ou melhor, viajarei e justificarei o voto. Afinal meu voto vale pouco e não afetará o resultado".

Não caia no dilema. Vote. No melhor para o Brasil. Por pior que seja. Mesmo que seus dedos queimem ao apertar os botões na urna. Escolha o "menos ruim". Essa é a melhor solução para a sociedade como um todo. **"Nós temos o dever de não nos omitir!"³**

O cenário foi completamente mudado com a morte do candidato à presidência Eduardo Campos e a nova simpatia (não é "efeito comoção") à substituta Marina que, com sua atitude zen, discursa bem, mas não diz nada. **Existe agora uma possibilidade real do PT sair do poder (pelo menos diretamente).** O segundo turno virou realidade e Marina Silva tem boas chances de ganhar a eleição. **Incrível é a aceitação do mercado para esta possibilidade dado o tom ameno que vem sendo dado para o programa de governo de Marina, que inclui a autonomia do banco central e a volta ao "tripe" macroeconômico (cuja chance de acontecer na prática é bem pequena).** Vale notar a piora de Aécio, que perdeu votos para Marina e manteve-se 15% abaixo de Dilma, mostrando que tinha poucas chances mesmo antes da morte de Eduardo Campos.

Não sejamos enganados. Se Dilma ganhar será a continuação do desastre (será que posso falar isso?). Se Marina ganhar teremos dois problemas: a sua dificuldade em governar sozinha levando-a inevitavelmente à uma aliança com o PT e/ou seus atos pós-eleita divergirem do plano de campanha de Eduardo Campos.



Tentando extrair um cenário através de possibilidades cada vez mais incertas, chegamos a conclusão que **a eleição afetará principalmente a bolsa.** Devido a pressões estruturais, **o real se desvalorizará frente ao dólar independentemente do presidente eleito, a questão apenas é a velocidade e o timing deste ajuste. Os juros também deverão ser mantidos em torno de 11% no curto/médio prazo.** Com o país já em recessão técnica (2 trimestres consecutivos de queda do PIB), o custo político de dar um choque de juros mais alto é maior do que qualquer candidato está preparado a pagar. A grande incógnita é a bolsa, que tem uma amplitude gigante, entre 44.000 e 67.000 pontos, dependente do resultado da eleição. **Mensurar a vitória de Marina é muito difícil, pois acho que o mercado está mais otimista do que deveria com esta possibilidade.**

Uma questão curiosa é o apetite dos "gringos" pelo Brasil. Os europeus e americanos tem uma visão muito mais otimista para o Brasil, principalmente por não estarem sofrendo o sentimento de piora gradual no dia a dia. Eles consideram a reeleição de Dilma um evento positivo (pois não há mudança na política, e mudanças significam risco). A diferença de juros entre o Brasil e Europa e Estados Unidos é extremamente alta, e o câmbio artificialmente administrado ainda dá uma segurança maior para este capital especulativo de curto prazo dos estrangeiros. **O problema é que quando o câmbio não conseguir ser segurado mais, os gringos farão um movimento em massa de saída, exacerbando a desvalorização.**

Concluindo, como sempre, proteja seu dinheiro: mantenha parte de sua carteira em dólar e não saia especulando em bolsa achando que a "solução" ao país chegou. E, por pior que seja a situação, **não deixe de votar na melhor opção, mesmo se doer na alma.**

¹ Stanislaw Jerzy Lec foi um dos maiores poetas da Polônia pós segunda guerra, conhecido por suas sátiras políticas.

² O nome Equilíbrio de Nash é devido a seu inventor, John Nash, ganhador do prêmio Nobel em 1994, que foi retratado por Russell Crowe, indicado ao Oscar, no filme Uma Mente Brilhante, de 2001..

³ Eduardo Campos, 1965-2014